

Comércio preserva boa parte da memória

Tribuna da Bahia
data: 29/03/2017
caderno: Cidade, pg 11

Fotos: Romildo de Jesus

YURI ABREU
REPÓRTER

É como se fosse uma viagem no tempo a uma Salvador que ainda vive no imaginário de muita gente, principalmente aqueles que viveram os melhores momentos da "velha cidade" até os anos 1970. Quem passa atualmente pela região do Comércio pode nem se dar conta de estar em um local que, outrora, já foi considerado o centro financeiro da capital, com a presença de grandes empresas e bancos. Durante muito tempo, as principais decisões na área econômica que levaram a Bahia à frente foram tomadas em seus prédios imponentes e que existem até hoje.

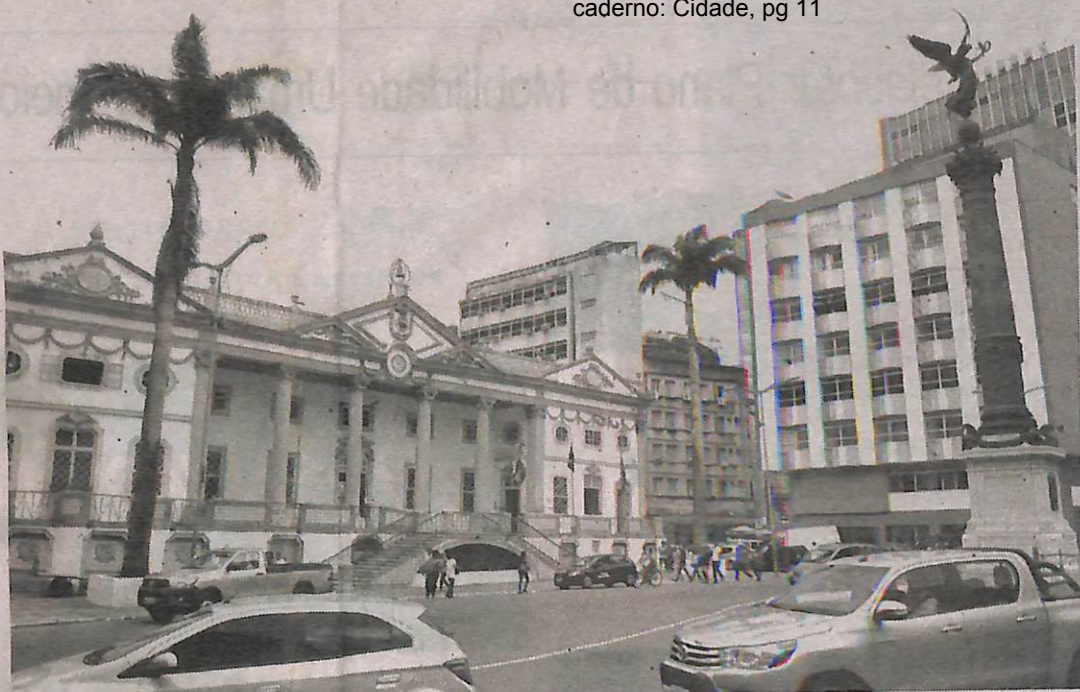
Mas, antes de chegar nessa parte da história, vale um registro de como tudo começou. De acordo com o Professor de História da Faculdade Estácio da Bahia, Cláudio Meron, parte do bairro que conhecemos hoje foi fruto de uma série de aterros feitos sobre a Baía de Todos-os-Santos. "A medida que a cidade do Salvador crescia em importância, o seu Porto passou a ter papel vital para os interesses mercantis dos portugueses. Sem falar que era na região portuária do atual comércio que ficavam localizadas barracas, tendas e depois lojas que abasteciam os moradores da cidade da Bahia", afirmou.

De acordo com o espe-

cialista, eram nos atracadouros localizados no Comércio que chegavam os "viveres indispensáveis" aos moradores da cidade alta e arredores. "Podemos citar como exemplo de região aterrada o local onde foi erguido o Mercado Modelo, o Distrito Naval e vários outros espaços que iam surgindo a medida que a cidade da Bahia crescia", salientou Meron.

Além das construções citadas pelo professor, também existem outras tão importantes historicamente para a capital baiana, a exemplo do prédio onde funciona o Instituto do Cacau — e que até hoje aguarda uma reforma após um incêndio que atingiu parte de sua estrutura, em 2012 —, e os edifícios dos Correios e da Viação Férrea Leste do Brasil. Isso sem contar o Plano Inclinado Gonçalves, que liga a Cidade Alta à Cidade Baixa. Também faz parte deste cenário a Associação Comercial da Bahia (ACB), fundada no ano de 1811.

De acordo com o atual presidente da ACB, Luiz Fernando Studart, o prédio da própria instituição, antes do início do aterramento, tinha partes que ficavam próximas ao mar. "A origem do Comércio se deu através da construção do Porto. Com todo esse desenvolvimento, os setores público e privado passaram a investir no local e o Comércio se tornou sede de grandes empresas como



VELHA SALVADOR

Na década de 1970, o bairro era considerado o "coração" econômico da cidade

exportadoras, bancos, escritórios e grandes lojas. Além disso, aqui tinha bons restaurantes", explicou o gestor, que passou a frequentar o bairro em meados dos anos 1970, quando, à época, era estagiário de Direito de um dos escritórios de advocacia do local.

Quem também possui boas lembranças do Comércio é o atual diretor de marketing da Arena Fonte Nova, Marcos Cidreira. Frequentador da região, as primeiras memórias datam de 40 anos atrás, quando o pai dele tinha uma loja, na es-

quina da Ladeira do Taboão com a Baixa dos Sapateiros, próximo do bairro do Comércio. "Não existia a Avenida Tancredo Neves e muita gente andava a pé. Vinha gente de diferentes lugares da cidade como a Ribeira e o Dois de Julho, sem contar que não havia o problema da superpopulação como hoje", disse. Naquela época, segundo dados do IBGE, a população de Salvador era pouco inferior a 1,5 milhão de pessoas.

Cidreira, que também foi Diretor do Escritório de Revitalização do Comércio —

atualmente extinto —, entre os anos de 2005 e 2012, aponta outras características que ajudam a explicar a importância do bairro do Comércio. "Aqui contam três dos sete cartões postais da cidade, como o Mercado Modelo, o Elevador Lacerda e o Forte São Marcelo. Além disso, o Comércio foi o primeiro bairro organizado do país, cujo Porto foi o mais importante da América do Sul durante 200 anos. Algumas das decisões mais importantes do país foram tomadas naquela região", pontuou.

Apogeu, decadência e processo de revitalização das ruas antigas

Contudo, a potência daquela região começou a dar lugar à decadência a qual deixou a região abandonada pelos poderes públicos durante, pelo menos, duas décadas, entre 1980 e 1990. "A época, o sistema de transporte público era ruim e a falta de estacionamento contribuíram para que as empresas saíssem daqui e fossem para a região do Iguaçu, que estava em expansão na época. Eu lembro que, das últimas vezes, eu chegava a estacionar já no último armazém das docas. O que já era um perigo naquele tempo, principalmente à noite", contou o presidente da ACB, Luiz Fernando Studart.

Aliada a dificuldade de encontrar vagas, Marcos Cidreira apontou outras ques-

tões que levaram a derrocada do bairro do Comércio. "Por conta da vassoura de bruxa, as exportações caíram e muitas empresas localizadas aqui fecharam as portas. O aumento da violência foi outro fator, já que não existe sequer uma Delegacia de Polícia aqui no bairro. Tudo isso acabou levando, também, a decadência das construções".

No final da gestão do ex-prefeito Antônio Imbassahy, em 2004, foi tomada uma medida que tinha como objetivo trazer de volta a vida aquela região, com a criação do Escritório de Revitalização do Comércio. Durante o tempo em que funcionou, até março de 2013, o espaço ajudou a atrair mais de 900 micro e pequenas empresas ao bairro, a exemplo de fa-

culdades, call centers, restaurantes, bares e cafés.

"Também participamos das reformas do Mercado Modelo, do Cais Dourado e do Forte de São Marcelo. Depois dessas mudanças, o movimento de pessoas triplicou, assim como aumentou o número de linhas de ônibus que rodam pelo Comércio. Eu acredito que o bairro ainda será um dos mais valorizados e um dos mais bonitos nas próximas décadas, basta que os poderes públicos, federal, estadual e municipal, se unam em prol de uma real transformação. É um local próximo a vários pontos, como a Cidade Baixa, Ilha de Itaparica e Via Expressa. Sem contar que a parte da cidade onde os turistas que aqui aportam gastam mais dinheiro", falou

Marcos Cidreira.

Um possível marco nessa retomada do Comércio pode ser a construção de um novo Centro de Convenções, um dos locais estudados pelo governador Rui Costa. "Acho que a construção de um equipamento desses mudaria a trajetória do lugar. Penso que, com isso, além do que já vem sendo feito, poderia trazer uma maior movimentação e uma natureza econômica diferente. O passado não volta mais. Então, penso que o Comércio poderia mudar a sua vertente, com uma infraestrutura comum a todas as suas atividades, com mais segurança e ruas limpas, além de recuperar os prédios históricos", comentou Studart, presidente da Associação Comercial da Bahia.

Para ambos, Parcerias Público-Privadas (PPPs) também poderiam ser realizadas para essa revitalização do bairro. "Muito importante, também, o investimento estrangeiro neste sentido, principalmente em áreas como turismo e lazer, além da presença de um centro administrativo municipal", falou Studart. "Acredito que, primeiramente, é necessário que se quebre esse campo de força entre os entes públicos para que o Comércio possa deslanchar. O bairro tem um potencial cultural, gastronômico e turístico tão grande a ponto de poder competir com outros lugares como Puerto Madero, em Buenos Aires, que passou por uma revitalização recente", disse Marcos Cidreira.

Estação de trem na Calçada construída na metade do século XIX

Logo ali perto, está o bairro da Calçada, o primeiro situado entre a Cidade Baixa e o Subúrbio Ferroviário. Segundo o historiador Cláudio Meron, a origem do nome deriva do fato de estar situada entre a atual Avenida Jequitia e o bairro do Bonfim. "Foi em decorrência de um caminho que foi criado entre essas partes da cidade, denominado Calçada do Bonfim. Lembremos também que foi neste bairro que foi elaborada a primeira vila operária do Brasil, para os empregados da Companhia Empório Industrial do Norte, do industrial Luís Tarquínio.", disse.

Com seu forte comércio, de grandes lojas e vendedores ambulantes, a região tem como seu ponto mais forte, sem dúvidas, a Estação de Trem que liga o local ao bair-

Porto de Salvador", ressaltou Meron. Também naquela época, mais precisamente no final dos anos 1890, o local recebia pessoas de diversas partes do estado, como Alagoas e Juazeiro, através das ferrovias que ligavam diversas partes da Bahia.

E, entrar na estação, é como também voltar no tempo. Concebida em Londres pelo inglês John Watson em 1855, o local, originalmente, tem sua estrutura em ferro fundido, trazida da Inglaterra, e foi complementada com forros e assoalhos feitos em madeira. Posteriormente, a estrutura ganhou reforço de alvenaria de bloco e a marquise fundida em concreto armado, sendo ainda considerado um marco arquitetônico da Cidade Baixa. Atualmente, o equipamento vem



TREM

Estação desmontada no final do século XIX, mas reconstruída em meados do Subúrbio

esse modelo transporte, que a Calçada começou a se desenvolver rapidamente. Construída na segunda metade do século XIX, a estação desempenha importante papel para as pessoas que moram no subúrbio ferroviário e necessitam vir para Salvador.

"Vale ressaltar que, no

mas, com a troca do teto. Engraxate há 41 anos no local, Carlos Alberto dos Santos recorda-se bem dos primeiros anos em que começou a trabalhar na Estação da Calçada. "Isso aqui era muito movimentado, principalmente aos domingos, quando vinha gente de tudo quanto era lugar. Era uma

to às 7h30, de trem, e fico aqui até as 16h. Gosto muito do que faço e tenho clientes que são fiéis há muitas décadas. Além disso, também possui uma relação muito tranquila com a diretoria e estou acostumado com o bairro", disse Santos.

R\$ 400. Hoje, o movimento caiu muito. Penso que deveria ser feita, aqui, a mesma coisa que estão fazendo em outros bairros: uma reforma geral. Por ser uma parte histórica, isso aqui deveria ser mais bonito e conservado. Eu ainda espero que aconteçam mudanças, mas talvez ape-

ros. Os motivos aqui citados, associados ao crescimento desordenado da cidade, aumento considerável da quantidade de carros, o sucateamento de muitos estabelecimentos comerciais e a destruição de sítios históricos são alguns dos problemas que fazem com que o

É como se fosse uma viagem no tempo a uma Salvador que ainda vive no imaginário de muita gente, principalmente aqueles que viveram os melhores momentos da “velha cidade” até os anos 1970. Quem passa atualmente pela região do Comércio pode nem se dar conta de estar em um local que, outrora, já foi considerado o centro financeiro da capital, com a presença de grandes empresas e bancos. Durante muito tempo, as principais decisões na área econômica que levaram a Bahia à frente foram tomadas em seus prédios imponentes e que existem até hoje.

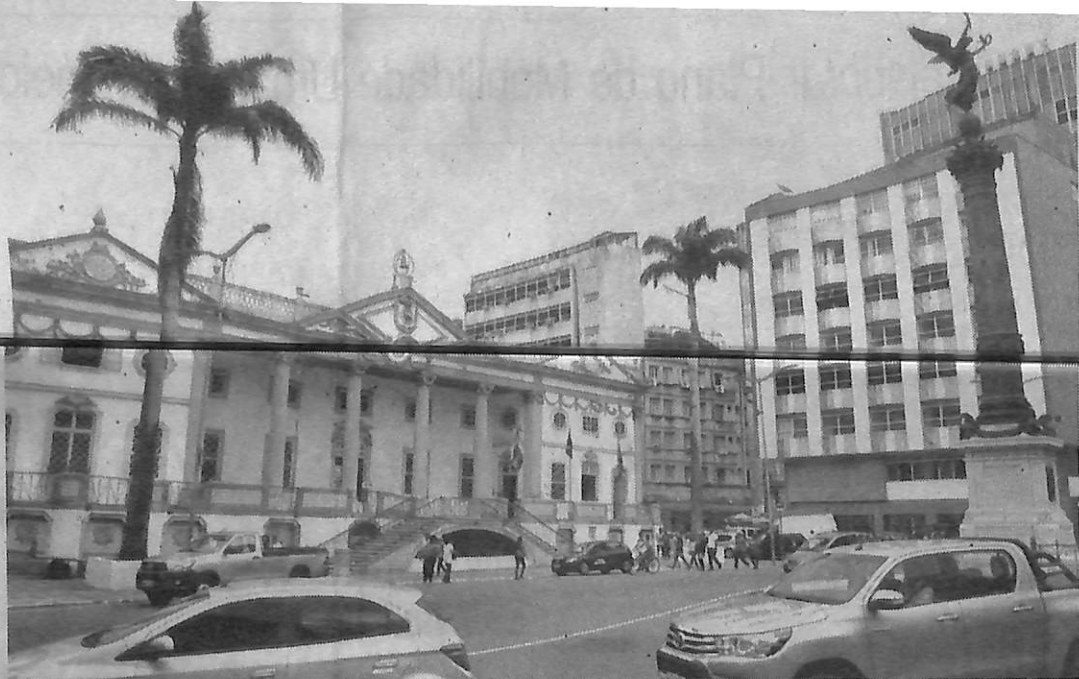
Mas, antes de chegar nessa parte da história, vale um registro de como tudo começou. De acordo com o Professor de História da Faculdade Estácio da Bahia, Cláudio Meron, parte do bairro que conhecemos hoje foi fruto de uma série de aterros feitos sobre a Baía de Todos-Santos. “A medida que a cidade do Salvador crescia em importância, o seu Porto passou a ter papel vital para os interesses mercantis dos portugueses. Sem falar que era na região portuária do atual comércio que ficavam localizadas barracas, tendas e depois lojas que abasteciam os moradores da cidade da Bahia”, afirmou.

De acordo com o espe-

ros finalizados no Comércio que chegavam os “viveres indispensáveis” aos moradores da cidade alta e arredores. “Podemos citar como exemplo de região aterrada o local onde foi erguido o Mercado Modelo, o Distrito Naval e vários outros espaços que iam surgindo a medida que a cidade da Bahia crescia”, salientou Meron.

Além das construções citadas pelo professor, também existem outras tão importantes historicamente para a capital baiana, a exemplo do prédio onde funciona o Instituto do Cacau – e que até hoje aguarda uma reforma após um incêndio que atingiu parte de sua estrutura, em 2012 –, e os edifícios dos Correios e da Viação Férrea Leste do Brasil. Isso sem contar o Plano Inclinado Gonçalves, que liga a Cidade Alta à Cidade Baixa. Também faz parte deste cenário a Associação Comercial da Bahia (ACB), fundada no ano de 1811.

De acordo com o atual presidente da ACB, Luiz Fernando Studart, o prédio da própria instituição, antes do início do aterramento, tinha partes que ficavam próximas ao mar. “A origem do Comércio se deu através da construção do Porto. Com todo esse desenvolvimento, os setores público e privado passaram a investir no local e o Comércio se tornou sede de grandes empresas como



VELHA SALVADOR

Na década de 1970, o bairro era considerado o “coração” econômico da cidade

exportadoras, bancos, escritórios e grandes lojas. Além disso, aqui tinha bons restaurantes”, explicou o gestor, que passou a frequentar o bairro em meados dos anos 1970, quando, à época, era estagiário de Direito de um dos escritórios de advocacia do local.

Quem também possui boas lembranças do Comércio é o atual diretor de marketing da Arena Fonte Nova, Marcos Cidreira. Frequentador da região, as primeiras memórias datam de 40 anos atrás, quando o pai dele tinha uma loja, na es-

quina da Ladeira do Taboão com a Baixa dos Sapateiros, próximo do bairro do Comércio. “Não existia a Avenida Tancredo Neves e muita gente andava a pé. Vinha gente de diferentes lugares da cidade como a Ribeira e o Dois de Julho, sem contar que não havia o problema da superpopulação como hoje”, disse. Naquela época, segundo dados do IBGE, a população de Salvador era pouco inferior a 1,5 milhão de pessoas.

Cidreira, que também foi Diretor do Escritório de Revitalização do Comércio –

atualmente extinto –, entre os anos de 2005 e 2012, aponta outras características que ajudam a explicar a importância do bairro do Comércio. “Aqui contam três dos sete cartões-postais da cidade, como o Mercado Modelo, o Elevador Lacerda e o Forte São Marcelo. Além disso, o Comércio foi o primeiro bairro organizado do país, cujo Porto foi o mais importante da América do Sul durante 200 anos. Algumas das decisões mais importantes do país foram tomadas naquela região”, pontuou.

Apogeu, decadência e processo de revitalização das ruas antigas

Contudo, a potência daquela região começou a dar lugar à decadência a qual deixou a região abandonada pelos poderes públicos durante, pelo menos, duas décadas, entre 1980 e 1990. “A época, o sistema de transporte público era ruim e a falta de estacionamento contribuíram para que as empresas saíssem daqui e fossem para a região do Iguaçu, que estava em expansão na época. Eu lembro que, das últimas vezes, eu chegava a estacionar já no último armazém das docas. O que já era um perigo naquele tempo, principalmente à noite”, contou o presidente da ACB, Luiz Fernando Studart.

Aliada à dificuldade de encontrar vagas, Marcos Cidreira apontou outras ques-

tões que levaram a derrocada do bairro do Comércio. “Por conta da vassoura de bruxa, as exportações caíram e muitas empresas localizadas aqui fecharam as portas. O aumento da violência foi outro fator, já que não existe sequer uma Delegacia de Polícia aqui no bairro. Tudo isso acabou levando, também, a decadência das construções”.

No final da gestão do ex-prefeito Antônio Imbassahy, em 2004, foi tomada uma medida que tinha como objetivo trazer de volta a vida aquela região, com a criação do Escritório de Revitalização do Comércio. Durante o tempo em que funcionou, até março de 2013, o espaço ajudou a atrair mais de 900 micro e pequenas empresas ao bairro, a exemplo de fa-

culdades, call centers, restaurantes, bares e cafés.

“Também participamos das reformas do Mercado Modelo, do Cais Dourado e do Forte de São Marcelo. Depois dessas mudanças, o movimento de pessoas triplicou, assim como aumentou o número de linhas de ônibus que rodam pelo Comércio. Eu acredito que o bairro ainda será um dos mais valorizados e um dos mais bonitos nas próximas décadas, basta que os poderes públicos, federal, estadual e municipal, se unam em prol de uma real transformação. É um local próximo a vários pontos, como a Cidade Baixa, Ilha de Itaparica e Via Expressa. Sem contar que a parte da cidade onde os turistas que aqui aportam gastam mais dinheiro”, falou

Marcos Cidreira.

Um possível marco nessa retomada do Comércio pode ser a construção de um novo Centro de Convenções, um dos locais estudados pelo governador Rui Costa. “Acho que a construção de um equipamento desses mudaria a trajetória do lugar. Penso que, com isso, além do que já vem sendo feito, poderia trazer uma maior movimentação e uma natureza econômica diferente. O passado não volta mais. Então, penso que o Comércio poderia mudar a sua vertente, com uma infraestrutura comum a todas as suas atividades, com mais segurança e ruas limpas, além de recuperar os prédios históricos”, comentou Studart, presidente da Associação Comercial da Bahia.

Para ambos, Parcerias Público-Privadas (PPPs) também poderiam ser realizadas para essa revitalização do bairro. “Muito importante, também, o investimento estrangeiro neste sentido, principalmente em áreas como turismo e lazer, além da presença de um centro administrativo municipal”, falou Studart. “Acredito que, primeiramente, é necessário que se quebre esse campo de força entre os entes públicos para que o Comércio possa deslanchar. O bairro tem um potencial cultural, gastronômico e turístico tão grande a ponto de poder competir com outros lugares como Puerto Madero, em Buenos Aires, que passou por uma revitalização recente”, disse Marcos Cidreira.

Estação de trem na Calçada construída na metade do século XIX

Logo ali perto, está o bairro da Calçada, o primeiro situado entre a Cidade Baixa e o Subúrbio Ferroviário. Segundo o historiador Cláudio Meron, a origem do nome deriva do fato de estar situada entre a atual Avenida Jequitaia e o bairro do Bonfim. “Foi em decorrência de um caminho que foi criado entre essas partes da cidade, denominado Calçada do Bonfim. Lembremos também que foi neste bairro que foi elaborada a primeira vila operária do Brasil, para os empregados da Companhia Empório Industrial do Norte, do industrial Luís Tarquínio”, disse.

Com seu forte comércio, de grandes lojas e vendedores ambulantes, a região tem como seu ponto mais forte, sem dúvidas, a Estação de Trem que liga o local ao bairro de Paripe. Foi, graças a esse modelo transporte, que a Calçada começou a se desenvolver rapidamente. Construída na segunda metade do século XIX, a estação desempenhou e ainda desempenha importante papel para as pessoas que moram no subúrbio ferroviário e necessitam vir para Salvador.

“Vale ressaltar que, no passado, essa estação também era importante instrumento para aqueles que queriam ir para cidades do recôncavo ou virem dessas localidades. Isso sem falar que era também uma forma importante de se chegar ao

Porto de Salvador”, ressaltou Meron. Também naquela época, mais precisamente no final dos anos 1890, o local recebia pessoas de diversas partes do estado, como Alagoinhas e Juazeiro, através das ferrovias que ligavam diversas partes da Bahia.

E, entrar na estação, é como também voltar no tempo. Concebida em Londres pelo inglês John Watson em 1855, o local, originalmente, tem sua estrutura em ferro fundido, trazida da Inglaterra, e foi complementada com forros e assoalhos feitos em madeira. Posteriormente, a estrutura ganhou reforço de alvenaria de bloco e a marquise fundida em concreto armado, sendo ainda considerado um marco arquitetônico da Cidade Baixa. Atualmente, o equipamento vem passando por algumas reformas, com a troca do teto.

Engraxate há 41 anos no local, Carlos Alberto dos Santos recorda-se bem dos primeiros anos em que começou a trabalhar na Estação da Calçada. “Isso aqui era muito movimentado, principalmente aos domingos, quando vinha gente de tudo quanto era lugar. Era uma verdadeira festa. Nessa época, eu ficava aqui até às 17h, valia muito a pena”, falou.

Oriundo de uma família de ferroviários, ele conseguiu criar os cinco filhos graças ao trabalho árduo que começa logo cedo. “Saio do Loba-



TREM

Estação desempenha até hoje um papel importante para moradores do Subúrbio

to às 7h30, de trem, e fico aqui até as 16h. Gosto muito do que faço e tenho clientes que são fiéis há muitas décadas. Além disso, também possuo uma relação muito tranquila com a diretoria e estou acostumado com o bairro”, disse Santos.

Mas, assim como os bons momentos, o engraxate também viu, de perto, a decadência pela qual o bairro vem passando. “Hoje eu só trabalho até sábado. Quando comecei, chegava a faturar, em apenas um domingo, até

R\$ 400. Hoje, o movimento caiu muito. Penso que deveria ser feita, aqui, a mesma coisa que estão fazendo em outros bairros: uma reforma geral. Por ser uma parte histórica, isso aqui deveria ser mais bonito e conservado. Eu ainda espero que aconteçam mudanças, mas talvez apenas meus filhos e netos estarão vivos para ver isso”, lamentou.

“Atualmente, infelizmente, o que vemos é a ausência de melhor estrutura e infraestrutura nestes dois bair-

ros. Os motivos aqui citados, associados ao crescimento desordenado da cidade, aumento considerável da quantidade de carros, o sucateamento de muitos estabelecimentos comerciais e a destruição de sítios históricos são alguns dos problemas que fazem com que o Comércio e a Calçada estejam distantes de tempos onde eram muito estratégicos e até glamorosos na vida da velha Bahia de São Salvador”, finalizou o professor Cláudio Meron.